

Marie Curie: o corpo que pagou pela descoberta

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 23/05/2026

Marie Curie venceu dois prêmios Nobel em áreas diferentes e morreu envenenada pelo próprio objeto de estudo. Sua trajetória expõe o custo real do conhecimento e o que ainda falta para reconhecer mulheres na ciência.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://professor.cristianoricardo.com/post/marie-curie-o-corpo-que-pagou-pela-descoberta>

Marie Curie carregava tubos de ensaio com rádio no bolso do avental, porque gostava de ver o brilho azulado que a substância emitia no escuro. Guardava amostras na gaveta ao lado da cama. Manuseava material radioativo com as próprias mãos, sem luvas, sem proteção alguma, porque ninguém sabia ainda, nem ela, o que aquilo fazia ao corpo humano a longo prazo. Décadas depois, seus cadernos de laboratório continuam radioativos demais para serem manuseados sem proteção, guardados em caixas revestidas de chumbo na Biblioteca Nacional da França. Ela morreu em 1934, de anemia aplástica, uma doença do sangue causada quase certamente pela exposição prolongada à radiação que passou a vida isolando e estudando.

Essa é a parte trágica da história, mas não é a única parte que merece ser contada sem enfeite. Curie foi a primeira pessoa, homem ou mulher, a vencer dois prêmios Nobel em campos científicos diferentes, física e química, um feito que até hoje poucas pessoas repetiram. Mesmo assim, a Academia de Ciências da França recusou sua candidatura em 1911, no mesmo ano em que ela recebia o segundo Nobel, porque era mulher e porque a imprensa da época preferia especular sobre sua vida pessoal a discutir seu trabalho. Curie respondeu do único jeito que sabia responder às coisas, trabalhando ainda mais, sem parar, sem se explicar demais para quem não merecia explicação.

Essa obstinação encontra eco direto em Alexander Fleming, que também pagou um preço por uma descoberta que a própria época não soube valorizar na velocidade certa, e que também via na disciplina repetitiva, não no golpe de sorte isolado, o verdadeiro motor da ciência. Curie e Fleming, cada um à sua maneira, mostram que a ciência séria raramente nasce de um único momento de brilho. Nasce de milhares de horas chatas, repetidas, muitas vezes ignoradas, até que uma delas finalmente revela algo que muda tudo.

Há também uma linha que liga Curie a Cristiano Ronaldo, por mais estranho que pareça colocar os dois lado a lado. Ambos trataram o próprio corpo como instrumento de trabalho, mas em direções opostas. Ronaldo constrói rotina para preservar o corpo ao máximo. Curie, sem saber, destruiu o próprio corpo em nome do que descobria, e mesmo sabendo dos primeiros sinais de fadiga extrema e queimaduras nos dedos, não recuou. A diferença entre os dois não é de caráter, é de informação disponível. Ronaldo vive numa era que entende profundamente saúde preventiva. Curie viveu numa era que ainda não sabia nomear os riscos que ela mesma

ajudava a revelar.

Isso pesa muito sobre a saúde pública hoje. O rádio que Curie isolou virou, décadas depois, ferramenta central da radioterapia contra o câncer, um tratamento que salva milhões de vidas todos os anos. A mesma substância que a matou lentamente hoje cura outras pessoas, porque aprendemos, à custa da vida dela, a dosar, proteger e controlar aquilo que ela manuseava às cegas. Todo protocolo de segurança radiológica que existe atualmente carrega, de forma indireta, a marca do sacrifício dela.

Fica então uma reflexão que atravessa gênero, ciência e tempo ao mesmo instante. Quantas descobertas, quantos avanços em saúde e qualidade de vida que hoje tratamos como óbvios, foram na verdade pagos com o corpo de alguém que não teve escolha, porque ninguém ainda sabia o preço real do que estava sendo descoberto?